

Funcionamento dos mercados e qualidade do trabalho

André Urani*

A precarização do mercado de trabalho brasileiro ao longo da última década, evidenciada pelo aumento do desemprego aberto e da participação de trabalhadores por conta própria e empregados sem carteira assinada na ocupação total, é associada, com razão, à natureza liberalizante das reformas econômicas e institucionais levadas a cabo pelos governos que se sucederam durante o período. Está se cristalizando, no imaginário coletivo nacional, a idéia de que “mais mercado” leva, inevitavelmente, a mais precariedade.

Isso, no entanto, pode não ser necessariamente verdadeiro. Tomemos o caso da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, onde, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, foram perdidos cerca de 300 mil empregos com carteira assinada entre 1991 e 2000. A principal contrapartida desse fenômeno não foi, ao contrário do que se acredita, um aumento exponencial do desemprego aberto, mas o crescimento da participação do trabalho autônomo na ocupação total. Hoje o Rio possui mais de 25% de sua População Economicamente Ativa (ou cerca de 1,2 milhão de trabalhadores) trabalhando por conta própria. O inchaço desse segmento do setor informal se repetiu, ainda que em menor escala, em todas as outras regiões metropolitanas brasileiras.

A maneira convencional de se pensar o funcionamento do mundo do trabalho e, particularmente, a determinação dos rendimentos de seus vários segmentos leva a acreditar que esse fenômeno deveria ter acarretado um aumento dos diferenciais de remuneração

entre os empregados formais e os trabalhadores por conta própria. Enquanto os salários dos primeiros tendem a ser relativamente rígidos em tempos de estabilidade macroeconômica, de fato, a renda dos últimos tende a ser determinada essencialmente pelo livre jogo das forças de mercado. Como houve um forte aumento da oferta e a demanda cresceu de forma errática e moderada, seria de se esperar que a renda real média dos trabalhadores autônomos caísse.

Pois bem, aconteceu justamente o contrário. Durante a década como um todo, a renda real média aumentou para todas as posições na ocupação, mas particularmente para os trabalhadores por conta própria, e o diferencial de rendimentos entre os empregados com carteira assinada e estes últimos caiu para quase a metade (de 42,1% em 1991 para 22,7% em 2000).

Isso quer dizer que, embora não sejamos capazes de dizer grande coisa sobre as trajetórias das centenas de milhares de trabalhadores cariocas que trocaram um emprego formal pelo trabalho autônomo, a idéia de que tenha havido uma diminuição da qualidade do trabalho fica, no mínimo, debilitada diante desse crescimento tanto em termos absolutos quanto em termos relativos da renda do segmento do mundo do trabalho que mais se tem expandido na região metropolitana fluminense.

É óbvio que há outras dimensões que devem ser incorporadas na análise da qualidade do

* Do IE/UFRJ e do Iets.

trabalho. O emprego formal oferece uma cesta de vantagens em relação a outras posições na ocupação (como uma certa estabilidade, o acesso a determinados direitos trabalhistas, uma jornada de trabalho fixa e, na maior parte dos casos, mais curta que no trabalho autônomo etc.) que deve ser levada em conta em considerações desse tipo. Assim como se deve levar em conta que o emprego autônomo permite não estar submetido a uma hierarquia sufocante e, pelo menos para os que têm espírito empreendedor, pode auferir a possibilidade de alcançar um prazer e uma realização no trabalho bem maior que o emprego assalariado. O balanço, portanto, não é inequívoco.

Resta a pergunta: por que “diabos” a renda real média dos autônomos cresceu mais que a dos empregados com carteira assinada?

Mais uma vez, a resposta não é fácil. Houve um significativo aumento da escolaridade média dos trabalhadores por conta própria durante o período; o mesmo, no entanto, resulta ter ocorrido no emprego com carteira assinada. Neste último caso, porém, o fenômeno foi acompanhado por uma substituição de homens por mulheres, o que pode ter freado o crescimento dos salários. O intrigante, porém, é que o diferencial de rendimentos caiu sobretudo porque houve um aumento significativo da renda dos autônomos, e não porque tenha havido uma queda do salário real médio dos formais. A verdadeira pergunta a ser colocada, portanto, é: por que a renda real média dos autônomos aumentou de forma tão expressiva apesar do inchaço registrado pelo setor?

Uma explicação, possivelmente não exaustiva, está no fato de o Rio de Janeiro ter conhecido, durante esse período, uma multiplicação de iniciativas de apoio a esse tipo de trabalhadores, tais como:

- crescimento exponencial do movimento cooperativista (que hoje se estende dos serviços de limpeza à medicina, passando pelos transportes urbanos e pelas costureiras de fundo de quintal);
- a formatação de uma série de cursos de capacitação para esse público específi-

co, não apenas em habilidades específicas, mas também em gestão;

- uma miríade de experiências de microcrédito, tanto por parte da sociedade civil (Vivacred, Sindicred, Banco da Mulher) quanto da iniciativa privada (Riocred, Socialcred, Credproduzir), do Sebrae e dos vários níveis de governo (Fundo Carioca, Crédito Cidadão, BNDES, CEF); e
- a montagem de centrais de apoio à comercialização, como a do Programa de Apoio ao Trabalhador Autônomo (ATA).

Em outras palavras, o comportamento da renda média dos autônomos durante o período pode estar refletindo o fortalecimento do associativismo e o surgimento de um mercado de serviços de desenvolvimento empresarial voltado especialmente para esse tipo de público. Quanto mais robustos forem esses dois elementos (o associativismo e o mercado de serviços de apoio ao trabalho autônomo), portanto, maior tenderá a ser a qualidade do trabalho autônomo. Quer dizer, um melhor funcionamento dos mercados, pelo menos de determinados tipos de mercado, pode levar a uma melhora da qualidade do trabalho. Mais do que isso, pode ser uma das sementes de um modelo de desenvolvimento menos excludente do que aquele que conhecemos no passado.